



“MATAS” DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO DIALETO PARAENSE: UM RECORTE SEMÂNTICO-LEXICAL DO FALAR NO PARÁ

“MATAS” OF LINGUISTIC VARIATION IN THE PARAENSE DIALECT: A SEMANTIC-LEXICAL SNAPSHOT OF SPEECH IN PARÁ

Beatriz Souza da Silva (PPGELL-UEPA)¹

beatriz.souzas122@gmail.com

Maria Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UEPA)²

cardoso_socorro@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar um estudo comparativo sobre as ocorrências de ordem semântico-lexical, de maior frequência, no *corpus* de (3) três Dissertações de Mestrado, as de Alves (2013), Costa (2013) e Sá (2015), defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), com a finalidade de comparar as lexias encontradas em (2) dois campos semânticos de 3 localidades diferentes, para uma melhor compreensão do dialeto paraense. Para a produção dos dados, as autoras usaram como instrumento o Questionário Semântico-Lexical (QSL/ALiB, 2001), do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). E como metodologia deste estudo, as autoras usaram a pesquisa bibliográfica e de campo, com caráter quantitativo. Para tal, usaram, como fundamentação teórica, a Sociolinguística e a Dialetologia, com Bagno (2001;2004;2016), Cardoso (2010), Bortoni-Ricardo (2014), Labov (2008), Weinreich (2006). Os resultados encontrados possibilitam afirmar que existe um léxico paraense, ou seja, uma variedade linguística para além da dita norma padrão, e isso é relevante para que se possa cada vez mais ter um olhar para os diferentes dialetos existentes e assim romper com a falsa ideia de homogeneidade linguística, sobretudo, na região da Amazônia paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Variação semântico-lexical; Sociolinguística; Geolinguística; Dialeto Paraense.

ABSTRACT: This article aimed to present a study on the most frequent occurrences of semantic-lexical order, in the corpus of (3) three Master's Dissertations, those by Alves (2013), Costa (2013) and Sá (2015), defended in the Graduate Program in Education (PPGED), at the State University of Pará (UEPA), in order to compare the lexias found in (2) two semantic fields from 3 different locations, for a better understanding of the Pará dialect. To produce the data, the authors used the Semantic-Lexical Questionnaire (QSL, 2001) from the Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001) as an instrument. The methodology of this study was of the bibliographic type, with a quantitative and qualitative character. To this end, Sociolinguistics and Dialectology were used as theoretical foundations, with Bagno (2001;2004;2016), Cardoso (2010), Bortoni-Ricardo (2014), Labov (2008), Weinreich (2006). The results found allow us to state that there is a Pará lexicon, in other words, a linguistic variety beyond the so-called standard norm, then we can increasingly look at the different existing dialects and thus break with the false idea of linguistic homogeneity.

KEYWORDS: Semantic-lexical variation; Sociolinguistics; Geolinguistics; Paraense dialect.

¹ Mestranda em Ensino Linguístico pelo Mestrado Profissional-PPGELL-UEPA.

² Doutora em Semiótica e Linguística Geral/USP. Docente e pesquisadora da UEPA.

O COMEÇO DO DESBRAVAR...

Dentre as definições para a palavra *Desbravar* no *dicionário Aurélio*, a que merece destaque é “fazer a exploração de lugares desconhecidos: desbravar novas matas”. E os estudos sobre a linguagem são uma constante exploração de novas matas, pois a cada pesquisa na área encontram-se outras palavras, outras estruturas linguísticas e um outro português brasileiro se forma.

Oficialmente, o que temos é a chamada língua portuguesa, fruto do nosso intenso processo colonial que tem em torno de 322 anos e apenas 190 anos de nação independente. Porém, essa independência não vem apenas com uma assinatura no papel e o ‘Grito’ no rio Ipiranga, é preciso uma descolonização dos hábitos culturais e sociais cada vez mais frequente, afinal, “sofremos, em diversos aspectos da nossa vida cultural, com a assombração do fantasma cultural. E é no plano da língua que esse fantasma faz maiores estragos” (BAGNO, 2013, p.26).

Isso faz com que se tenha uma falsa ideia de que a nossa língua seja homogênea, o que estudos de muito tempo na área da ciência linguística mostram que toda língua é heterogênea, ainda mais na história da língua no Brasil, em que houve contato entre diversos povos, como os indígenas, que já habitavam o país; os portugueses que ‘colonizaram’ e dominaram por muito tempo o país; os africanos, que vieram para serem escravizados e ainda outros imigrantes que vieram para povoar o país. Com tantos povos diferentes, houve no decorrer do tempo uma mistura de línguas que hoje conhecemos no Brasil, por isso a luta para o reconhecimento de uma língua denominada português brasileiro.

A partir desse contexto e as inquietações com os conhecimentos da graduação se fez necessário contribuir com uma pesquisa nessa área, para que, assim, se tenha cada vez conhecimentos sobre as lexias presentes no nosso país e a caminhada para a aceitação de uma língua cada vez mais diversificada e o combate ao preconceito linguístico tão presente na sociedade atual. Para tal desbravar, foi escolhida fazer a análise semântico-

lexical de dados coletados de três dissertações do PPGED, realizadas em dois municípios e um distrito do estado do Pará. Pois é evidente que se precisa partir e conhecer para se valorizar o que se tem nas nossas “matas” para depois desbravar outras.

1. A(S) CONSTRUÇÃO(-ÕES) DAS TEORIAS MODERNAS DA LINGUAGEM

Os estudos linguísticos começam a ser científicos a partir do início do século XX (1916), com Ferdinand Saussure, que ao demonstrar sua teoria, no que mais tarde foi organizado e documentado por seus alunos o *Curso de linguística geral*, traz o marco do início da linguística moderna. Não se pode falar de Saussure, sem falar de estruturalismo, no qual, consiste na corrente linguística que postula as seguintes afirmações: 1) a língua é tomada em si mesmo, separada de fatores externos; 2) é vista como natureza autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. A partir dessas afirmações, pode-se inferir que para Saussure a língua deve ser analisada por si mesma, sem que se leve em consideração fatores externos por conta da sua natureza autônoma, futuramente essa premissa será contestada pelas correntes variacionistas mais para frente.

Contudo, Saussure estabelece algumas dicotomias que são um marco no estudo dessa área e são muito importantes para o entendimento da sociolinguística e dialetologia, são elas: língua(*langue*)/fala(*parole*), no qual *langue* é homogênea e social e a *parole* é um ato individual de manifestação concreta de expressão. Pode-se observar que por mais que Saussure delimite fatores externos nos estudos da *langue*, ele admite que a língua é social, o que deixa um espaço para a sociolinguística. Nessa premissa, Saussure admite que a língua é um fenômeno social, produto de uma convenção estabelecida entre os membros de um determinado grupo, porém, fatores externos são deixados de lado por ele[...] (COELHO, 2010, p.14)

A partir do estruturalismo, houve outras correntes linguísticas na modernidade, como o gerativismo de Noam Chomsky com a afirmação de que a linguagem é uma capacidade mental e biológica de todos os falantes, ou seja, para a corrente gerativista a

língua começa pela chamada *faculdade da linguagem*, logo o objeto de estudo é a competência gramatical interna de cada falante.

Observa-se que as correntes linguísticas entre o estruturalismo até o gerativismo não se aprofundaram em fatores externos - históricos, sociais, culturais e geográficos - porém não descartaram a possibilidade de que esses fatores pudessem influenciar no funcionamento da língua. Por isso, houve a necessidade de estudar a língua de uma forma a analisar os fatores externos e o foco na variação e mudança linguística, fez emergir duas importantes correntes variacionistas são elas: a dialetologia e a sociolinguística.

1.1 -A dialetologia

A ciência-mãe dos estudos variacionistas da língua é a dialetologia. A definição de dialetologia de acordo com Dubois (1978), é a área que descreve comparativamente os diferentes sistemas e dialetos em uma determinada língua, ou seja, na dialetologia é analisado os diferentes dialetos e sua influência na variedade linguística em determinados pontos geográficos. Para Cardoso (2010), o ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre (p.21).

O viés histórico dos estudos dialetais ou geolinguísticos teve dois momentos cruciais para fundamentar o que hoje é conhecido como dialetologia. O primeiro momento foi a criação da Académie Celtique em 1804 que foi a primeira investida na apuração das diferenças entre os dialetos. E, o segundo marco foi a imposição de J. Grimm em defesa dos “patois” e escreveu a primeira descrição dos dialetos alemães, essa contribui pelos seus objetivos e abrangência que inspirou o que viria a ser a dialetologia no Brasil. E assim, a dialetologia no Brasil se formou, inicialmente, com estudos de ordem semântico-lexical, no qual foi estudado o caminho percorrido por determinada palavra ou até a inovação e a contribuição para o novo mundo da língua. Posteriormente, houve a investigação também dos outros níveis que o Português Brasileiro oferece- fonético, morfológico, sintático, semântico, lexical e prosódico- contribuindo para a descrição plena dos falantes nas áreas geográficas estudadas.

Na dialetologia, o principal objeto de estudo é o dialeto, com isso é importante definir o termo dialeto, que tem caráter dialetal-sociolinguístico, porém vem sendo analisado até pela gramática normativa, como em Bechara (2019) que define dialeto em "veículo de expressão e comunicação que paire as variedades regionais e se apresenta como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunicações irmanadas" (p.54).

Como o exposto, a dialetologia também é conhecida como geolinguística e estuda as diferenças variacionais dependendo do espaço geográfico que o falante está inserido. Dentro desses espaços, existem outros fatores externos e sociais que merecem ser contemplados. A partir disso, irá emergir a sociolinguística, para o estudo desses fatores e a influência deles na variação da língua.

1.2-A sociolinguística

De acordo com o *Dicionário de Linguística* (1978), de Jean Dubois, a sociolinguística consiste "em revelar na medida do possível, a covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito" (p.561), ou seja, a sociolinguística estuda a estrutura da língua, porém vai mais a fundo, pois analisa todos os fatores externos que podem acarretar uma variação e mudança linguística. Essa corrente surge em torno das décadas de 60 e 70, sendo seu grande mentor Labov (1972) que diz que "o ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (LABOV, 1972, p.21).

Ou seja, a sociolinguística variacionista precisa levar em consideração todos os fatores e condicionadores de determinada comunidade, pois isso que faz entender como ocorre determinada variação. Assim, Labov diz que o ser humano não vive isolado, por isso é importante analisar todo o social em torno de tal fenômeno linguístico, e ainda, o autor trouxe uma importante adequação de termos, na sociolinguística não existe evolução e sim mudança, pois não existe expressão melhor ou pior e sim uma mudança, normal de todo processo linguístico.

Posteriormente, nesse panorama da sociolinguística variacionista, houve a necessidade de se estudar a interação que essa variação proporciona, daí o surgimento da sociolinguística interacionista que é a análise da sociolinguística na interação no dia a dia com os diversos papéis existentes nas relações sociais.

Por fim, a sociolinguística vai estudar os fenômenos linguísticos, levando em consideração fatores externos que possam interferir na mudança e variação linguística. E em parceria com a dialetologia, estuda a relação entre diversos dialetos presentes na variação de uma língua.

O estudo de complementação mútua do viés dialetal e sociolinguístico proporciona uma análise maior dos dados variacionais e proporciona para a pesquisa uma possibilidade de melhor entendimento do fenômeno, pois proporciona o artefato social, cultural, histórico e geográfico. Por isso, a partir dessas duas ciências vão ser feitas as análises dos dados encontrados.

2.ARCABOUÇO METODOLÓGICO

O fato deste trabalho está sendo produzido em um contexto pandêmico e para segurança das pesquisadoras e dos entrevistados, optou-se por fazer uma pesquisa bibliográfica de conteúdo, então foram realizados recortes de dados de três dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED), no quais os dados coletados pelas pesquisadoras de mestrado foram comparados entre as diferentes localidades das três dissertações, em três campos semântico-lexicais diferentes, a fim de analisar as variações das lexias predominante nas diversas regiões do estado do Pará. E, ainda, analisar se coincidem com as lexias propostas no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com a finalidade de observar até que ponto existem variações de lexias que ainda não estão inseridas no Atlas nacional e a necessidade de documentar essas variações.

Para conseguir os resultados da pesquisa, faz-se necessário que se siga um determinado trajeto: o primeiro passo será se abastecer de uma boa base teórica para que permita uma segurança para a análise de dados, posteriormente, deve-se realizar uma

pesquisa bibliográfica muito minuciosa que permita a análise dos dados e a relação com os conceitos sociolinguísticos e dialetais já trabalhados. E, partir disso, obter resultados que expliquem esses fenômenos e contribua para os estudos dialetais paraense e o ensino de língua da Amazônia.

A pesquisa bibliográfica é “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos etc. “(SEVERINO, 2007, p.122), ou seja, a partir de dados que já existem o pesquisador faz uma nova análise, se pautando no conteúdo do registro analisado. Esses primeiros textos acabam por virar temas dos futuros frutos a partir de uma nova análise. E, ao analisar e comparar os dados das dissertações em comparação com o ALIB é fundamental o uso desse tipo de pesquisa.

Sobre a abordagem qualitativa e quantitativa, optou-se pela fusão das duas formas, pois para uma boa análise dialetal e sociolinguística é necessário atingir aspectos dos dois tipos. Para Severino (2007) a abordagem quantitativa se pauta na análise de números e estatísticas matemáticas e a qualitativa se dá a partir da análise subjetiva dos dados. E, agregada a geolinguística que estuda os índices de variação em determinado ponto geográfico e a sociolinguística os fatores externos que levaram a essa variação, torna-se imprescindível a abordagem ser quanti qualitativa, já que elas podem se complementar e não excluir uma à outra.

2.1 As dissertações analisadas e suas localidades

As Dissertações que foram analisadas foram defendidas no mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED), orientadas pela Prof^ª Dra. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, duas no ano de 2013 e uma no ano de 2015.

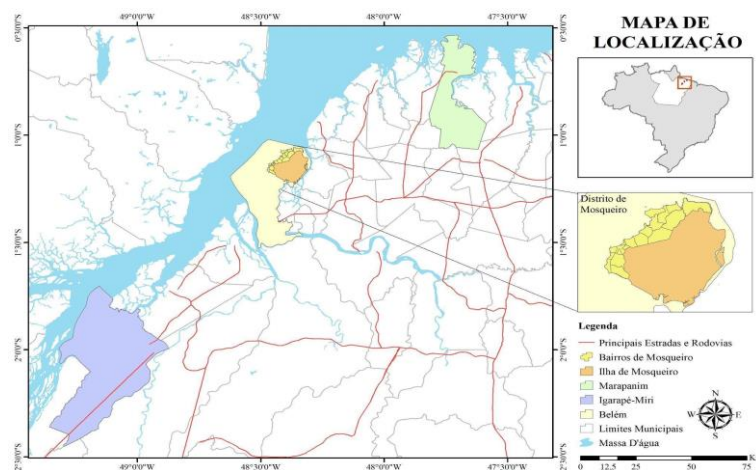
A primeira dissertação pesquisada foi a denominada de *Pelos caminhos da cartografia linguística paraense: um estudo semântico-lexical do distrito de Mosqueiro numa perspectiva socioeducacional*. Essa dissertação foi escrita por Talita Rodrigues de Sá, no ano de 2013. Nessa pesquisa, a autora fez uma análise semântico-lexical de

diversos bairros do Distrito Administrativo de Mosqueiro, a partir da aplicação dos campos semânticos do QSL do Atlas linguístico do Brasil, com o objetivo de analisar de forma diastrática e diatópica a fala dos moradores do Distrito de Mosqueiro.

A segunda dissertação a ser analisada foi a intitulada de *Cartografia linguística: Um estudo semântico-lexical da fala dos moradores de Igarapé-Miri/PA* e foi escrita por Silvano Santana de Oliveira Costa, no ano de 2015. Com essa pesquisa, a autora fez uma análise semântico-lexical das lexias de moradores do município de Igarapé Miri, com o objetivo de encontrar ocorrências semântico-lexical de natureza diastrática e diatópica dos moradores dessa localidade.

A terceira dissertação estudada foi a denominada de *Cartografia Linguística da Cidade de Marapanim/PA: uma análise semântico-lexical no contexto educacional amazônico*, escrita em 2013 por Thamy Saraiva Alves que ao partir da premissa que a fala dos moradores de Marapanim é diferente das lexias presente no QSL do ALiB teve como objetivo de analisar as ocorrências semântico-lexicais na microrregião do estado do Pará de forma diastrática e diatópica.

2.1.2-As Localidades



Fonte: autoria de Larissa Delfino Santana Rocha, jan. 2022.

A partir da observação do mapa 01, pode-se descrever as três localidades nas quais foram escolhidas como os locus da pesquisa. A dissertação de Sá (2013) traz o primeiro ponto linguístico, a Ilha de Mosqueiro. Essa ilha é um distrito administrativo da capital Belém, localizada na costa oriental da baía do Marajó, na Mesorregião de Belém com 70 km de distância da capital. De acordo com o IBGE (2017), Mosqueiro tem cerca de 27 mil habitantes e suas atividades econômicas se diferem a partir do ponto do distrito em questão. Assim, na parte alta da cidade, fica o centro urbano, no qual o comércio é bem forte e a maior movimentação econômica é nos meses de veraneio. Na parte baixa do distrito, os igarapés cercam a região e a agricultura familiar é predominante, no qual as famílias vivem da venda de produtos que elas mesmas produzem. E por fim, na parte litorânea a economia se dá a partir da venda de peixes trazidos pelos pescadores e complementos, por exemplo, água de coco, tapioca, limão etc., e no local denominado Cajueiro, no qual tem muita troca econômica com moradores e turistas no momento de compra e venda dos produtos.

Na dissertação de Costa (2015), é Igarapé-Miri que é a localidade escolhida para análise. Este município está localizado na mesorregião do nordeste paraense com uma distância de cerca de 78 km da capital Belém. É importante destacar que o município faz divisa com os municípios de Abaetetuba, Moju, Mocajuba e Cametá. De acordo com IBGE (2010), Igarapé-Miri tinha cerca de 58.077 habitantes em 2010 com estimativa de 63.367 habitantes, atualmente. As atividades econômicas de Igarapé-Miri giram em torno do setor de serviços, indústrias e agropecuária, sendo este último com destaque para a produção de Açaí muito grande para consumo próprio e externo e a pesca de frutos do mar na região- Camarão, Mapará etc.- é muito forte no município.

A dissertação de Alves (2013) apresenta o município de Marapanim como ponto de análise. O município está localizado ao nordeste paraense, a 120km da capital Belém. Sua população estimada para 2020 é de em média 28.450 mil habitantes com as principais atividades econômicas, a pesca artesanal, ou seja, a partir da estrutura da cidade e a solidariedade entre a comunidade pesqueira é feita a pesca, outra atividade é o turismo, pois Marapanim é reconhecida em aspectos culturais e religiosas, como terra do Carimbó

e no cunho religioso a festa de São Sebastião, essas festas e atraem muitos turistas o que movimenta a economia do município.

2.2. Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

No fim da década de 90, ganhou-se forma, em Salvador, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a partir do seminário *Caminhos para a geolinguística do Brasil*, pela necessidade da macrovisão da língua, fato que os atlas regionais, como o *Atlas prévio dos falares baianos*, criado na década 60, não proporciona até então, pois os atlas nacionais ganham “em extensão pela macrovisão que oferecem” (CARDOSO, 2010, P.72). Por isso, a partir dessa década houve a necessidade de sair das particularidades de determinadas regiões para uma visão geral do português brasileiro que está sendo formado dia a dia.

Para alcançar os objetivos sociolinguísticos, dialetais e educacionais, foi traçado uma linha metodológica, na qual foi selecionada uma rede de pontos de 250 localidades com o critério de extensão de cada região, aspectos demográficos, culturais e históricos. Sobre os informantes, ficou definido que seriam entrevistados oito informantes na capital, que destes quatro devem ter formação universitária, e quatro das demais localidades da região. Acerca da faixa etária, os informantes foram distribuídos em dois grupos etários: 18 a 30 anos e 50 e 65 anos, contemplando homens e mulheres. E, ainda ficou definido que preferencialmente deveriam ser entrevistados informantes que tenham nascido na localidade a ser investigada e sejam filhos de pais nascidos da região linguística de estudo.

Ao chegar aos questionários, ficou definido que a análise poderia partir de temas para registro de discursos semi-dirigidos e leitura de texto e ainda por questionários pré-definidos. Essa definição se deu a partir dos estudos de diferença na natureza existentes sobre o português presente nas diferenças regionais do Brasil. Além disso, foram observados atlas que já estavam em andamento e os aspectos fonético-fonológicos, incluindo-se questões de prosódia, semântico-lexical e morfossintático e questões referentes a pragmáticas.

2.2.1. Questionário Semântico-lexical (QSL)

Para analisar as lexias dos pontos linguísticos em questão, foi utilizado para comparação o questionário semântico-lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O QSL é composto de 202 questões divididas em 15 campos semânticos, divididos em :I- Acidentes Geográficos; II-Fenômenos atmosféricos; III- Astros e tempo; IV- Flora; V- Atividades Agropastoris; VI- Fauna; VII- Corpo humano; VIII-Convívio e comportamento social; IX- Ciclos da vida; X- Religiões e crenças; XI- Festas e divertimentos; XII- Habitação; XIII-Alimentação e cozinha; XVI- Vestiário e XV- Vida urbana.

O intuito da aplicação do questionário é documentar as lexias existentes nas localidades pesquisadas e a partir disso, analisar os dados coletados com os segmentos da sociolinguística e a dialetologia.

3-DESBRAVANDO A ANÁLISE DOS DADOS E CONSTRUINDO RESULTADOS

O *corpus* dessa pesquisa são os dados coletados nas dissertações descritas, com a análise das ocorrências semântico-lexicais das localidades: Ilha de Mosqueiro, Marapanim e Igarapé- Miri. Para tal, foram utilizados dois campos semânticos, dos quinze disponibilizados nas dissertações escolhidas. E, a partir da comparação da frequência, presença e ausência das lexias foram gerados os resultados.

Para uma análise mais pertinente, as ocorrências foram separadas por ponto linguístico no qual foi coletado e em campo semântico, produzindo a análise das ocorrências e partir da premissa de quanto maior a ocorrência da lexia de maior variante fica-se subtendido que menos a localidade variou. E, ainda, pretende comparar as lexias encontradas com os presentes no ALiB. É importante ressaltar que os campos semânticos que serão usados estão presentes no cotidiano das pessoas e com isso proporciona uma coleta de dados mais livre e espontânea.

A partir disso, os campos escolhidos foram: Campo I-Acidentes Geográficos e Campo VII- Convívio e comportamento social .Esses campos foram escolhidos por serem campos que apresentaram um alto índice de variação das lexias entre as localidades e em relação ao ALiB .Além disso, para fins didáticos vamos enumerar os pontos linguísticos da seguinte forma: ponto linguístico 1 referente a Mosqueiro, coletada por Sá (2013) , ponto linguístico 2 correspondente à Igarapé- Miri, coletada por Costa (2015) e ponto linguístico 3 referente a Marapanim, coletada por Alves(2013) . O recorte feito segue:

CAMPO SEMÂNTICO I: acidentes geográficos

O campo semântico I, acidentes geográficos, possui o total de sete perguntas, são as perguntas 01 a 07 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e estão organizados na tabela 01, a seguir:

TABELA 01

Nº de Questão do QSL, 2001)	Variante ALiB (2001)	Variante de maior frequência no <i>corpus</i>		Pontos linguísticos pesquisados		
		Lexias	Efetivos percentuais (%)	Mosqueiro	Igarapé-Miri	Marapanim
1	[córrego]	/cabicera/ - /igarapé/	40% -75% 63%	X	X	X
2	[pinguela]	-/ponti/ -/ística/	-80% 65% 60%	X	X	X
3	[fóz]	-/boca do rio/ /fim/ -/braço/	45% 15% 21%	X	X	X
4	[redemoinho]	/currupiu/ /remuinhu/ /redemoinho/	45% 45% 65%	X	X	X
5	[onda do rio]	/banzeru/ /maresia/ /unda/	45% 85% 44%	X	X	X
6	[onda do mar]	/maresia/ /unda grande/	50% 40% 58%	X	X	X
7	[terra umudecida pela chuva]	/ocada/ /terra molhada/ /úmida/	40% 70% 35%	X	X	X

Fonte: elaboração própria, out 2021.



A pergunta 01: **um rio pequeno, de uns dois metros de largura?** teve a lexia **/cabicera/** no ponto linguístico 1, com incidência de 40% e se diferenciou das lexias que se assemelharam nos pontos linguístico 2 e 3 que a lexia **/igarapé/** apenas com graus de incidências diferentes, sendo 75% no ponto linguístico 2 e 63% no ponto linguístico 3. Nessa questão, nenhum ponto linguístico coincidiu com a lexia proposta pelo ALiB que é **/córrego/** ou **/riacho/**. E, observa-se que o ponto linguístico que mais variou foi o ponto linguístico 1 com apenas 40% de incidência.

Na pergunta 02: **tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um____(cf.item1) ?** o ponto linguístico 1 apresentou como variante de maior frequência a lexia **/ponti/** que coincidiu com o ponto linguístico 2 com incidência diferente com 80% no ponto linguístico 1 e 65% no ponto linguístico 2. Assim, os pontos linguístico 1 e 2 se divergem do ponto linguístico 3 que este teve sua maior variante a lexia **/istiva/** com incidência de 60% e com isso, nenhum ponto linguístico coincidiu com o ALiB que a variante proposta foi **/pinguela/**. Nessa questão, a localidade que mais variou foi o ponto linguístico 3, com grau de incidência de 60%, porém é importante salientar que o grau de incidência do ponto linguístico 2 e 3 ficou bem aproximado, com uma diferença de apenas 5%.

A pergunta 03: **o lugar onde o rio termina e começa outro rio?** mostrou que no ponto linguístico 1 a maior variante foi a lexia **/boca du rio/** com grau de incidência de 45% se diferenciando do ponto linguístico 2 que a variante mais recorrente foi a lexia **/fim/** com incidência de 15% e divergiu do ponto linguístico **/braço/** com incidência de 21%. Nessa questão, nenhuma lexia coincidiu com a proposta no ALiB que é **/foz/** e houve um baixo percentual de incidência em todas as questões, todas abaixo de 50%, dentro desse universo a localidade que mais variou foi o ponto linguístico 2 com incidência de apenas 15%.

Na pergunta 04: **muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?** teve no ponto linguístico 1 a lexia de maior incidência **/currupiu/** com incidência de 45% que se diferenciou do ponto linguístico 2 e 3 que a variante de maior incidência foi a lexia **/remuinhu/** e



/remuinho/ com apenas algumas diferenças de ordem fonético-fonológico, sendo o grau de incidência de 45% para o ponto linguístico 2 e 65% para o ponto linguístico 3. Nessa questão, no campo semântico-lexical os pontos linguísticos 2 e 3 coincidiram com a lexia proposta pelo ALiB que com algumas diferenças fonético-fonológicas da localidade /redemoinho/ e as localidades que mais variaram foi o ponto linguístico 1 e 2 com percentual de 45% para cada localidade.

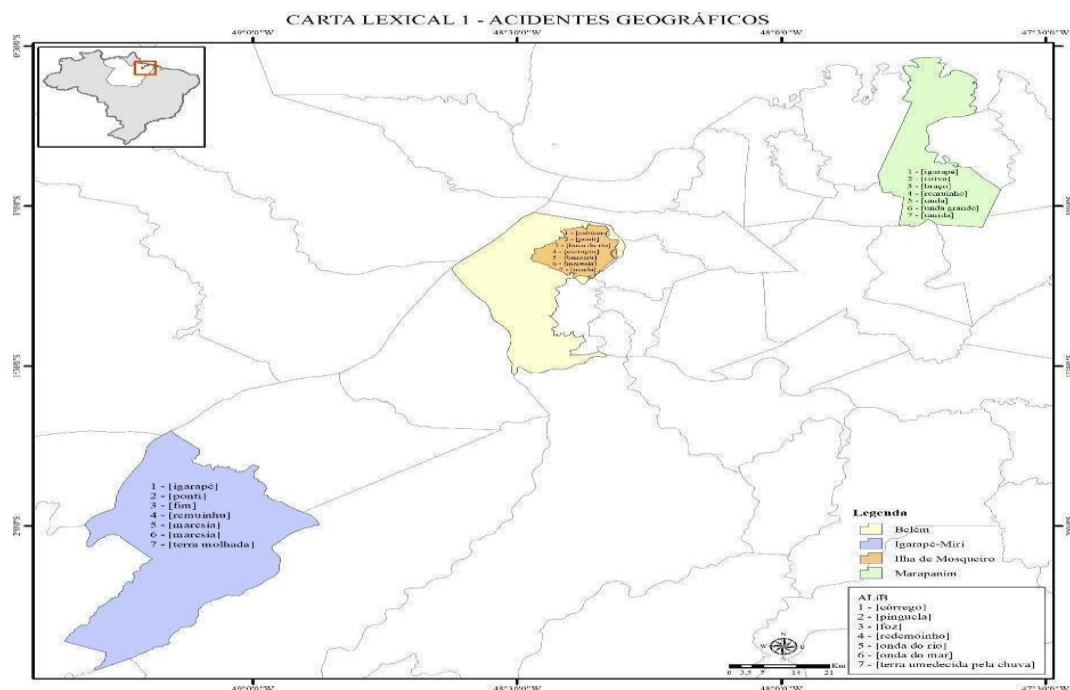
A pergunta 05: **o movimento das águas do rio?** (*imitar o movimento das águas*) teve como a maior variante, no ponto linguístico 1, a lexia /banzeru/ com incidência de 45% que se diferenciou do ponto linguístico 2 que a sua lexia de maior ocorrência foi /maresia/ com incidência de 85% e diverge do ponto linguístico 3 com a sua maior variante a lexia /unda/ com incidência de 44%. Nessa questão, apenas o ponto linguístico 3 teve uma aproximação com o ALiB com a lexia /unda/ e a do ALiB a lexia mais encontrada foi /onda do rio/, na qual nota-se que houve uma diferença fônica entre /unda/ e /onda/, além disso, no ALiB a expressão ainda tem o complemento /do rio/. Sobre o grau de variação, as localidades que mais variaram foram o ponto linguístico 1 e o ponto linguístico 3 com uma pequena diferença de 1% e a que menos variou foi o ponto linguístico 2 que teve a incidência de sua maior lexia de 85%.

Na pergunta 06: **o movimento da água do mar?** (*idem a questão 05*) , o ponto linguístico 1 obteve como a sua maior variante /maresia/ com incidência de 50% e coincidiu com o ponto linguístico 2 que teve a mesma lexia com apenas diferenciação no grau de incidência que no ponto linguístico 2 houve um grau de incidência de 40%. Os pontos linguísticos 1 e 2 se diferenciam do ponto linguístico 3 que teve a maior variante a lexia /unda grande/ com grau de incidência de 58% e não houve nenhuma coincidência das lexias encontradas com a do ALiB, /onda do mar/. Nessa questão, o ponto que mais variou foi o ponto linguístico 2 com grau de incidência de 40%, seguido do ponto linguístico 1 com 50% e o que menos variou foi o ponto linguístico 3 com grau de incidência de 58%.

A partir da análise da questão 06 e com a feita na questão 05, é importante destacar o ponto linguístico 2, o município de Igarapé-Miri, que usa a mesma lexia, **/maresia/** para se referir as respostas de perguntas diferentes.

A pergunta 07: **depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?** o ponto linguístico 1 apresentou com a maior variante a lexia **/ocada/** com grau incidência de 40% se diferenciando assim do ponto linguístico 2 que trouxe como variante as lexias **/terra molhada/** com grau de incidência de 70% e divergiu do ponto linguístico 3 **/umida/** com grau de incidência de 35%. Nessa questão, nenhuma lexia das três localidades coincidiu com a lexia proposta no ALiB que propôs **/terra umedecida pela chuva/** e a localidade que mais variou foi o ponto linguístico 3 com grau de incidência da sua maior variante de 35% e depois vem o ponto linguístico 1 com grau de incidência de 40% e a localidade que menos variou foi o ponto linguístico 3 com grau de incidência de 70%.

As lexias de maiores incidências de cada pergunta deste campo estão localizadas na carta lexical 01, a seguir. E estão organizadas a partir da localização dos seus pontos linguísticos.



Fonte: elaborado por Larissa Delfino Santana Rocha, out 2021.

● **CAMPO SEMÂNTICO VII: convívio e comportamento social**

O campo semântico VII, convívio e comportamento social, possui o total de seis perguntas, entre as perguntas 124 a 129 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e estão organizados na tabela 02, a seguir:

TABELA 02

Nº de Questão do QSL, 2001)	Variante ALiB (2001)	Variante de maior frequência no corpus		Pontos linguísticos pesquisados		
		Lexias	Efetivos percentuais (%)	Mosqueiro	Igarapé-Miri	Marapanim
124	[tagarela]	/letrola/ /falador/	50% 20% 47%	X	X	X
125	[pessoa pouco inteligente]	/rudi/ /cabeçudo/	60% 30% 43%	X	X	X
126	[pessoa sovina]	/mão di vaca/ /miseráveu/ /mizerávil/	60% 30% 59%	X	X	X
127	[mau pagador]	/caloteru/ /vilhacu/ /mau pagador/	50% 35% 65%	X	X	X
128	[assassino pago]	/pistoleru/	75% 40% 69%	X	X	X
129	[posseiro]	/caseru/ /posseru/ /invasor/	35% 20% 42%	X	X	X

Fonte: elaboração própria, out 2021.

A pergunta 124: **a pessoa que fala demais?** no ponto linguístico 1 teve a maior lexia por **/letrola/**, com incidência de 50%. Já no ponto linguístico 2, a lexia com maior incidência foi **/falador/** com incidência de 20%. E, no ponto linguístico 3, a lexia com maior incidência foi **/falador/**, com incidência de 47%. Nessa questão, o ponto linguístico 2 e 3 convergiram, enquanto divergiram do campo linguístico 3 e nenhuma das lexias coincidiu com a lexia proposta pelo ALiB, no qual a lexia proposta foi **/tagarela/**. Pode-se também inferir que o ponto linguístico 2 foi o que mais variou, pois, sua maior incidência foi apenas de 20%, uma porcentagem bem menor do que as do ponto linguísticos 1 e 3 que tiveram 50% e 47%, respectivamente.

Na pergunta 125: **a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?** o ponto linguístico 1 apresentou por sua maior variação a lexia **/rudi/** com incidência de 60%. Esse resultado coincidiu com a lexia encontrada no ponto linguístico 2 que também foi



/rudi/, esse com a incidência de 30% e ambos se diferenciam do ponto linguístico 3 que a lexia de maior incidência foi /cabeçudo/, com incidência de 43%. Nenhum dos pontos linguísticos coincidiu com o ALiB, que propôs a variante /**pessoa pouco inteligente**/. Observa-se também que nessa questão, o ponto que mais variou foi o ponto linguístico 2, com incidência de 30%. Logo, o segundo ponto que mais variou foi o ponto linguístico 3 com 43% e o que menos variou foi o ponto linguístico 1, com incidência de 60%.

Com a pergunta 126: **a pessoa que não gosta de gastar dinheiro e, às vezes, até passa necessidade por não gastar?** notou-se a maior lexia no ponto linguístico 1 por /**mãu di vaca**/ com incidência de 60% que divergiu dos pontos linguístico 2 e 3 que coincidiram na lexia /**miseráveu**/ e /**mizerávil**/, apenas com diferenças de ordem fonológicas e diferentes incidências de variação, sendo 30% para o ponto linguístico 2 e 59% para o campo linguístico 3. Nessa questão, nenhum ponto linguístico coincidiu com a documentada no ALiB, no qual a lexia proposta é /**pessoa sovina**/, quanto ao grau de variação a que mais variou foi o ponto linguístico 2 com 30% comparado com os pontos linguísticos 1 e 3, que tem incidências aproximadas com 60% para o ponto linguístico 1 e 59% para o campo linguístico 3.

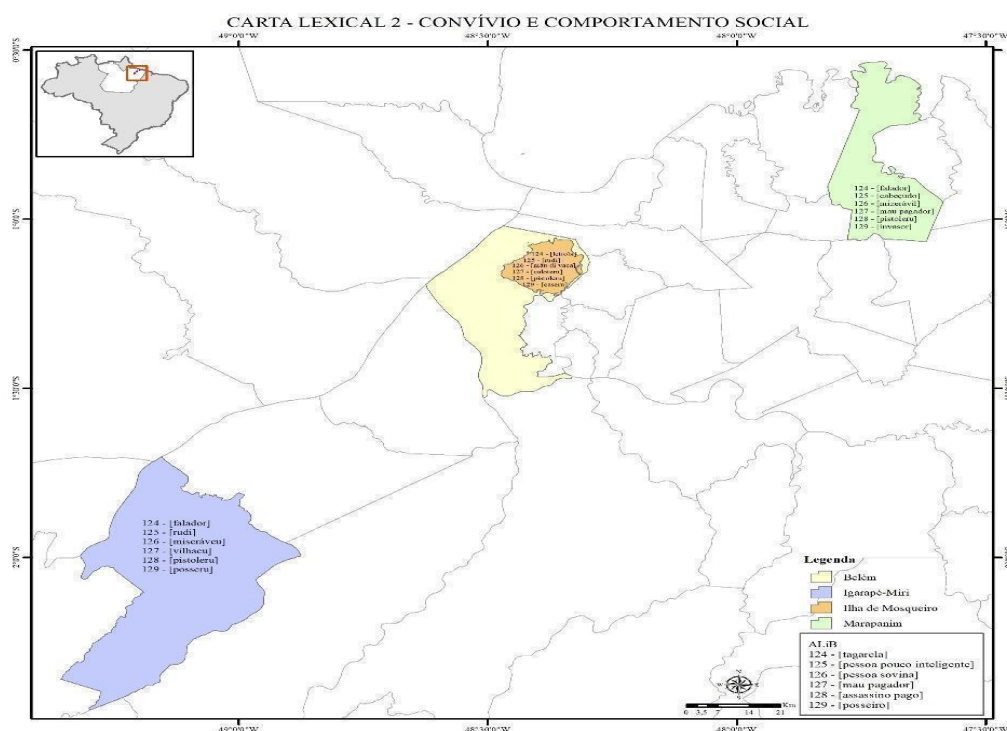
Sobre a pergunta 127: **a pessoa que deixa suas contas penduradas?** o ponto linguístico 1 apresentou como lexia de maior ocorrência /**caloteru**/ com incidência de 50% divergindo dos outros pontos linguísticos, no qual no ponto linguístico 2 a maior ocorrência foi a palavra /**vilhacu**/ com incidência de 35% e no ponto linguístico 3 a lexia de maior ocorrência /**mau pagador**/ com percentual de 65% de incidência, esta última lexia foi a única que coincidiu com a presente no ALiB. A respeito do percentual de variação, o ponto que mais variou foi o ponto linguístico 2, seguido do ponto linguístico 1 e posteriormente o ponto linguístico 3.

A pergunta 128: **a pessoa que é paga para matar alguém?** observou que a lexia de maior ocorrência no ponto linguístico 1 foi /**pistoleru**/ que coincidiu com o ponto linguístico 2 e o ponto linguístico 3, apresentando apenas algumas variações de ordem fonético-fonológico e o grau do percentual de incidência, no qual no ponto linguístico 1 foi de 75%, no ponto linguístico 2 foi de 40% e no ponto linguístico 3 foi de 69%, a partir

disso, nota-se que o ponto que mais variou foi o ponto linguístico 2, seguido do ponto linguístico 3 e o ponto linguístico 1. Nessa questão, nenhuma localidade teve a lexia que coincidiu com a documentada no ALiB que é **/assassino pago/**.

A última pergunta analisada nas dissertações foi a 129: **a pessoa que mora e trabalha para si nas terras de outra pessoa?** trouxe para a análise a lexia de maior incidência do ponto linguístico 1, **/caseru/** com incidência de 35% divergindo do ponto linguístico 2 com a lexia **/posseru/** com incidência de 20% e se diferenciou do ponto linguístico 3 que a lexia de maior ocorrência foi **/invasor/** com incidência de 42%. Nessa questão, apenas o ponto linguístico 2 convergiu com a lexia documentada no ALiB **/posseiro/**, com algumas diferenciações de ordem fonético-fonológica. Pode-se também notar que essa questão foi a que mais ocorreu variação nos pontos linguísticos analisados, haja vista que todos os percentuais de maior incidência estão abaixo de 50%.

Após a análise dos dados, as lexias de maiores incidências às perguntas desse campo estão localizadas a partir das localidades dos seus respectivos pontos linguísticos.



Fonte: elaborado por Larissa Delfino Santana Rocha, out 2021.

Após a análise dos dois campos semânticos nas localidades descritas, chegou-se à conclusão o alto grau de variação da região. Pois, nos dois campos semânticos houve lexias que coincidiram entre si, outras que convergiram apenas entre dois dos três municípios, algumas coincidiram com o ALiB e ainda lexias que divergiram nas três localidades e do ALiB.

No campo semântico 1, nota-se que os pontos linguísticos que mais variaram foi o 2, Igarapé-Miri, e o 3, Marapanim que apresentaram os menores graus de incidências em seis das sete perguntas aplicadas, ou seja, por ter os menores graus de incidência quer dizer que houve nessas localidades o maior número de outras variantes nestes lugares.

No campo semântico 2, o ponto linguístico que mais variou foi o 2, Igarapé- Miri, pois apresentou os menores graus de incidências em todas as perguntas aplicadas, o que pode ser justificado pelo fato de estar cercado por municípios que já são conhecidos em outras pesquisas acadêmicas por suas altas capacidades de variação, como Cametá, Abaetetuba, Mocajuba e Moju. No entanto, é imprescindível destacar que todos os pontos linguísticos dessa pesquisa tiveram índices consideráveis de variação e demonstram como o dialeto paraense é rico nessas variedades.

CONTINUAR DESBRAVANDO É PRECISO...

A última seção deste artigo recebe este título não por não querer concluir esse trabalho, mas sim porque é preciso que haja esse desbravar contínuo na nossa língua materna, o português brasileiro. E, ainda com um olhar mais carinhoso para os dialetos amazônicos que são tão estigmatizados, em paralelo, são tão ricos em variedade linguística.

Para isso, é preciso desmistificar a pureza e unidade de uma língua, pois a língua é social e a sociedade vive em constante mudança e com isso a língua acompanha essa dinâmica. Além disso, a regra de ouro da linguística de acordo com Marcos Bagno é que só existe língua se houver seres humanos que a falem” (p.9,2001), logo em respeito aos seres humanos é preciso combater o preconceito linguístico que fere, machuca e estigmatiza a autoestima do indivíduo com a ideia de falar inferior ou superior do que é de acordo com a norma padrão.

Afinal, o desbravar das “matas” da língua e o ensino de língua materna é um ato de resistência para que se possa cada vez mais resistir para o respeito com a pluralidade da língua e o ensino do português brasileiro que respeite e faça seus falantes se sentirem incluídos na língua e não excluídos por uma pureza inconcebível que apenas fere e segrega socialmente. Que se possa cada vez mais resistir e explorar as *matas* da variação da língua.

REFERÊNCIAS

- ALVES, T. S. **Cartografia Linguística da Cidade de Marapanim/PA: uma análise semântico-lexical no contexto educacional amazônico**. 2013. 1162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém, 2013.
- BAGNO, M. **A Língua de Eulália. Novela Sociolinguística**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAGNO, M. **Gramática de Bolso do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2016
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 2001.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto. 2014
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários**. Londrina: Editora da Universidade de Londrina, 2001.

COSTA, S. S. de O. **Cartografia Linguística: um estudo semântico-lexical da fala dos moradores do município de Igarapé-Miri/Pa.** 2015. 297 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém, 2015.

COELHO, I. **Livro de Sociolinguística para o ensino à distância.** Florianópolis. DECTI. 2010

DUBOIS, J. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986)

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

SÁ, T. R. de. **Pelos Caminhos da Cartografia Linguística Paraense: estudo semântico-lexical do Distrito de Mosqueiro numa perspectiva socioeducacional.** 2013. 276 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém, 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix: São Paulo, 1975.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em: 29/03/2023 | Aprovado em: 17/08/2023
Publicado em: 12/07/2025
